Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

PREGAÇÃO FASCISTA

A máquina de propaganda da ditadura funciona a todo vapor. Quanto maior é o fracasso do regime militar e seu isolamento político, mais os generais recorrem à difusão de slogans patrioteiros e de pretensos êxitos econômicos. O rádio, a televisão e a imprensa são utilizados em escala jamais vista. Artistas conhecidos ou atletas de prestígio são mobilizados, sob pressão ou por dinheiro, para servir de alto-falantes do governo. Milhões de cruzeiros dos cofres públicos são gastos nesta atividade.

"O Brasil cresce..." - diz a propaganda - "O desenvolvimento se acelera...", "O país já é uma grande potência..." Os generais sabem que tudo isto é mentira. Mas proclamam alto e bom som e com o maior cinismo. São aprendizes do finado Goebels que afirmava ser possível transformar a mentira em verdade pela sua repetição incessante.

A ditadura anuncia êxitos mirabolantes. Mas o que se vê é a miséria aumentando, o desemprego crescendo e dificuldades de toda ordem avolumando-se. A não ser os trustes estrangeiros e um pequeno número de exploradores nacionais, que se beneficiam grandemente com a atual situação, a maioria do povo atravessa uma quadra bem difícil. De outra parte, intensifica-se o arrocho no terreno político. As perspectivas de "abertura", mesmo remotas, desapareceram. Para conter as manifestações de descontentamento, cada vez maiores, de amplos setores sociais e esmagar, no nascedouro, os protestos contra a ditadura, o governo apela para novas medidas fascistas. Fez aprovar a toque-de-caixa a Emenda Constitucional que elimina eleições diretas, mesmo sob controle. Estendeu mais ainda a esfera de atuação da censura. Ampliou a perseguição a todos os opositores do regime. A tortura e os assassinatos de patriotas e a condenação de defensores da liberdade prosseguem ininterruptamente.

Como toda ditadura fascista, o regime militar brasileiro necessita de propaganda, sempre mais bombástica, tentando enganar as massas. Vale-se de tudo. Figuras reacionárias da história do país são apresentadas como liberais e progressistas. O hino nacional, no jargão propangandístico, é considerado a música de maior sucesso. Até os ossos do português D. Pedro I, em turismo macabro pelas capitais dos Estados, servem à exaltação moral e cívica dos governantes.

(Continua na página 2)

Neste Número:

Nº 64 Maio de 1972 Ano IX

SAUDAÇÕES DO PC DA INDONÉSIA

Por ocasião do quinquagésimo aniversário de fundação e do décimo aniversário de reorganização do Partido Comunista do Brasil, a delegação no exterior do Comitê Central do Partido Comunista da Indonésia, em nome dos comunistas e do povo indonésio, envia suas mais calorosas saudações revolucionárias ao Partido Comunista do Brasil e, através do Partido, ao povo brasileiro, que trava uma intrépida e heróica luta contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano.

Durante meio século, o Partido Comunista do Brasil acumulou ricas experiências em sua luta, dirigindo as amplas massas do povo, visando a sua libertação do domínio do imperialismo, do latifúndio e da reação fascista. O Partido Comunista do Brasil possui uma tradição de luta militante, de firmeza e perseverança na defesa dos interesses das amplas massas do povo e empenha-se em integrar a verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução brasileira. Em particular desde 1962, após a decisão histórica de reorganização do Partido adotada na Conferência Nacional Extraordinária, que defendeu firmemente o marxismo-leninismo-pensamento de Mao Tsetung e traçou uma linha demarcatória com os revisionistas nos terrenos político, ideológico e organizativo, o Partido Comunista do Brasil vem mantendo no alto a bandeira da revolução proletária, seguindo o caminho da luta armada, único caminho capaz de levar a revolução nacional e democrática à vitória, para instaurar o Poder popular que abrirá a via para a construção do socialismo no Brasil.

A história de mais de 5o anos de existência do Partido Comunista da Indonésia é também uma história de luta incessante para assimilar profundamente a verdade universal do marxismo-leninismo e aplicá-la corretamente às condições concretas da sociedade e da revolução na Indonésia. Atualmente, sob a direção do Partido Comunista da Indonésia, o povo indonésio desenvolve a luta armada contra o regime fascista de Suharto para alcançar sua libertação nacional. Por toda parte, nos três continentes, Ásia, África e América Latina, a resistência dos povos sob a liderança dos partidos leais ao marxismo-leninismo, está em ascenso e conquistando corajosamente vitória após vitória contra o domínio do imperialismo, do revisionismo contemporâneo e dos reacionários internos.

O Partido Comunista da Indonésia e o povo indonésio apoiam plenamente a luta do Partido Comunista do Brasil e do povo brasileiro contra o imperialismo, o revisionismo e os militares fascistas do país, visando conquistar a libertação nacional. Em meio às vagas da luta ascendente dos povos do mundo contra o imperialismo, o revisionismo contemporâneo e os reacionários dos diversos países, a unidade e a amizade entre os nossos dois partidos e povos certamente se consolidarão incessantemente.

Viva a amizade militante entre nossos dois partidos e povos !
Viva o triunfo do marxismo-leninismo-pensamento de Mao Tsetung !

Em nome da delegação no exterior do Comitê Central do Partido Comunista da Indonésia,

O Chefe da Delegação
Iusof Mjitorop

Pregação Fascista (Conclusão)

Os militares se destacam na autopromoção. Hoje, não há rotina de quartel - simples transmissão de comando ou entrega de certificado a reservistas - que não seja irradiada e televisionada. Discursos vazios de generais e coronéis ocupam programas de rádio e TV e enchem o noticiário da imprensa. Como não encontram auditório entre o povo, os militares recorrem à astúcia. Realizam seus atos nos horários de programas populares da TV que são interrompidos para transmitir as baboseiras dos oficiais de alta patente.

A propaganda, porém, cai no vazio. Cada vez é maior o ódio do povo aos militares e à ditadura. Cada vez é mais forte o sentimento da maioria da nação em favor das liberdades e de um regime livre da tutela dos generais, regime democrático e efetivamente progressista.

Panorama Internacional

DESESPERO DO IMPERIALISMO IANQUE

A decisão de Nixon de bloquear os portos e atacar as linhas de comunicação da República Democrática do Vietnã é um ato de banditismo e de provocação guerreira, que demonstra o caráter agressivo e sanguinário do imperialismo norte-americano. Desesperado ante o avanço irresistível das forças populares e o desmoronamento do regime títere de Van Thieu, o gangster da Casa Branca viola todos os princípios de convivência internacional e se arroga o direito de impedir pela força a livre navegação de mares situados a longa distância dos Estados Unidos.

Ao adotar semelhante medida, Nixon alegou que estava em jogo a honra da maior potência capitalista do mundo. Na realidade, o que está em causa é a política expansionista e de domínio dos monopólios ianques no Sudeste A siático. Os povos desta região, cada vez mais conscientes do valor da independência nacional e da liberdade,levantam-se para expulsar os opressores estrangeiros e varrer seus lacaios do poder.Unem-se vigorosamente e lutam com decisão e audácia para conquistar seus direitos.Os imperialistas ianques investem contra esses povos, tentando manter os regime reacionários que lhes servem de apoio para espoliar as nações da Indochina.

Não faz muito tempo, o chefete norte-americano declarou que os Estados Unidos não mais seriam o gendarme do mundo.Mas no discurso que pronunciou, justificando a nova escalada da guerra no Vietnã, deixou bem claro que os monopólios ianques não podem se conformar com a luta libertadora dos povos e se dispõem a intervir militarmente lá onde esteja ameaçado o seu domínio e onde se configure a vitória do que eles denominam "governos comunistas". A fala de Nixon demonstra, uma vez mais, que os Estados Unidos são efetivamente o principal inimigo dos povos e a polícia internacional.

Com revoltante cinismo, Nixon diz que está procurando defender a paz e salvar vidas norte-americanas. A paz de Nixon é o bombardeio maciço de vilas e cidades densamente povoadas, o ataque cerrado da esquadra estadunidense aos portos e localidades litorâneas. A poupança de vidas do presidente dos EEUU é a ampliação do matadouro indochinês, reclamando sempre mais carde de canhão. Ao mesmo tempo que verte lágrimas de crocodilo pelos soldados ianques, manda assassinar dezenas de milhares de pessoas, inclusive mulheres e crianças no Vietnã, Laos e Camboja. Nesse afã, não poupa escolas nem hospitais. Seus generais, em toda parte, declaram zona de "fogo livre" áreas povoadas que caem em mãos dos patriotas.

Como um grande senhor, Richard Nixon exige que os indochineses se curvem submissos à vontade do"colosso norte-americano".Não pode admitir que um pequeno povo se oponha ao poderio dos Estados Unidos. Chama de"arrogância"a firmeza combativa dos patriotas que reclamam a completa retirada das tropas estrangeiras do solo pátrio e a solução do problema vietnamita pelos próprios vietnamitas.O representante dos grandes monopólios parece não se dar conta de que se passaram os tempos em que os ultimatos das metrópoles imperialistas tinham que ser obedecidas sem relutância.Hoje, os povos tomam em suas mãos seus próprios destinos.Não se submetem mais à imposição dos agressores.Sabem que quem luta por uma causa justa acabará vencendo.

A ação militar dos Estados Unidos, determinada por Nixon, numa escala sem precedentes, não conseguirá, porém, impedir a vitória dos povos da Indochina, cuja luta desperta a admiração e o respeito de todo o mundo. Superando enormes dificuldades, as forças libertadoras assestam contundentes golpes aos agressores ianques e seus lacaios, avançando impetuosamente em todas as frentes de luta. Têm o apoio dos povos dos cinco Continentes que se erguem em vigorosos protestos contra os imperialistas dos Estados Unidos. Contam com a grande solidariedade da República Popular da China que não vacila em reafirmar ser o seu território a retaguarda segura dos povos do Vietnã, Laos e Camboja.

A sorte da agressão norte-americana na Indochina está selada. Os estertores de Richard Nixon são o prelúdio do fim da dominação ianque no Sudeste Asiático. É inevitável a vitória dos que lutam pela independência, a liberdade e a paz.

MENSAGEM DO PC (M-L) DO EQUADOR

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil
Queridos camaradas.

Por motivo da celebração por vosso grande e heróico Partido do quinquagésimo aniversário de fundação e 10º de reorganização, o Comitê Central do Partido Comunista (Marxista-Leninista) do Equador, em seu nome e no de todos os seus membros, com profundo respeito e particular emoção, faz chegar a vocês, e por seu intermédio a todos os valorosos camaradas brasileiros, nossas calorosas saudações revolucionárias e os mais sinceros augúrios de que a abnegada e exemplar luta que vocês travam pela libertação desse povo irmão seja a cada dia coroada de novos e repetidos êxitos, de retumbantes vitórias.

Os aniversários que, com justa alegria, são comemorados pelo fraterno Partido Comunista do Brasil constituem marcos de importância histórica no difícil, porém luminos , caminho da luta libertadora dos povos oprimidos e explorados de nossa América Latina. Por isso, nós comunistas marxistas-leninistas equatorianos nos somamos e nos sentimos parte integrante da alegria que comove os camaradas do Brasil e celebramos também como nossa esta grande festa.

O seu Partido, queridos camaradas, registra em seu longo caminho episódios heróicos e exemplares na luta de classes firme e consequente, na correta aplicação da verdade universal do marxismo-leninismo à realidade específica de seu país. Os desvios que teve de enfrentar e derrotar em sua prática social, particularmente o revisionismo contemporâneo, encabeçado pela camarilha de traidores soviéticos e internamente pela degenerada corja oportunistaportunista dirigida por Prestes, não podem empanar esta gloriosa tradição revolucionária, mantida e levada sempre adiante pelos melhores comunistas, pelos autênticos marxistas-leninistas do Brasil.

Especial significado para o combate libertador do povo brasileiro, para a causa do comunismo neste país e em todos os países de nossa América, tem a decidida, firme e consequente ação dos verdadeiros marxistas-leninistas que, há dez anos, com a reorganização de seu Partido, limparam todo o lixo ideológico de suas fileiras e empreenderam sua marcha incontida pelo caminho certo, luminoso e vitorioso, do invencível marxismo-leninismo-pensamento de Mao Tsetung. Fiel ao marxismo-leninismo-pensamento de Mao Tsetung, aplicado com acerto à realidade nacional, o seu Partido avança com passo firme e acelerado em sua construção ideológica, política e organizativa. Robustece constantemente seus vínculos políticos e orgânicos com as amplas massas de operários, camponeses e demais classes e setores sociais interessados na revolução democrática e nacional. Avança séria e constantemente na acumulação de forças para iniciar com êxito e levar até à vitória a guerra popular, único caminho seguro que dará a liberdade e a independência ao povo brasileiro.

Saudamos com grande alegria todos esses êxitos e encontramos neles novos estímulos para nossa própria luta. O seu Partido, leal ao princípio do internacionalismo-proletário, deu significativas contribuições à luta por manter limpa e triunfante a bandeira do marxismo-leninismo, a derrota contínua e inevitável do revisionismo e de outras correntes anti-marxistas atualmente em voga, mas que não têm futuro. A sua preocupação e contribuição ao fortalecimento e desenvolvimento da unidade dos verdadeiros marxistas-leninistas na América Latina e no mundo foram igualmente muito importantes.

Confiamos que, no futuro, este espírito internacionalista de seu Partido trará ainda maiores benefícios à nossa causa comum. Unidos, todos os marxistas-leninistas, a cuja frente marcham os gloriosos Partidos irmãos da China e da Albânia, empunhando com maior decisão a bandeira invencível e sempre airosa da ideologia proletária, estamos convencidos de que a causa da libertação social e nacional dos povos e nações oprimidos alcançará prontas e renovadas vitórias.

Que nossa comum fidelidade ao marxismo-leninismo-pensamento de Mao Tsetung se traduza, em meio à luta das massas, em novas e transcendentais vitórias. São nossos melhores votos que lhes renovamos nessa oportunidade. Expressamos a cada um de vocês, queridos camaradas do Comitê Central, os fervorosos votos pelo gozo de boa saúde e por longos anos de vida e de que toda a sua atividade e trabalhos firmes alcance sempre resultados construtivos.

Viva o glorioso Partido Comunista do Brasil !
Viva nossa unidade e nossa amizade !
Glória ao invencível Marxismo-Leninismo !
Com fraternais saudações comunistas,

O Birô Político do
Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA (M - L)

A INFLAÇÃO DOS GENERAIS

Luís Lage

Com aquele ar solene que julga necessário adotar nessas ocasiões e que lhe dá um jeito de empregado de casa funerária, Médici apareceu na televisão para dizer que o governo está seriamente preocupado com a inflação e prometer medidas contra o aumento de preços. No dia seguinte, a guerra contra a inflação foi para as manchetes dos jornais. Realizou-se até uma reunião ministerial para tratar do assunto. Afinal, o que há? Em setemvbo do ano passado Delfim Neto afirmou, em exposição diante do Senado, que a inflação já preocupava pouco ("Correio da Manhã" de 10/9/71). A propaganda oficial trombeteou aos quatro ventos que em 1971 o custo de vida aumentara só 18%, menos do que em 1970. Por que, então, a súbita preocupação manifestada por Médici? Ela significa o reconhecimento tácito de que a propaganda do governo é mentirosa.

Estamos, na verdade, diante da segunda confissão a contragosto, mas legível nas entrelinhas, de um fracasso em questão decisiva para o governo (a primeira ocorreu quando o governo se viu obrigado a alterar as normas do plano habitacional para tentar evitar que um grande número de compradores de residências do Bamco Nacional de Habitação as abandonasse por não poder pagá-las).

As donas-de-casa tinham razão. Em 1971 houve um forte aumento do custo de vida, sensivelmente maior do que em 1970. E os primeiros meses do ano em curso confirmaram a tendência. O Fundo Monetário Internacional, que fiscaliza a economia brasileira com olhos frios de credor, não se deixou enganar. "Segundo os dados do FMI, que se referem até outubro do ano passado, a inflação brasileira chegou a 21%, mais do que a observada no mesmo período de 1970, só superada pela da Argentina (...)"("Jornal do Brasil" de 6/2/72). Embora de forma a escamoteá-la do grande público, o número de fevereiro da revista "Conjuntura Econômica" da Fundação Getúlio Vargas, indica a taxa de inflação de 23,6% em 1971.

A medida anunciada por Delfim Neto como importante iniciativa anti-inflacionária - a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para a indústria de alimentos - é inócua. A população trabalhadora consome poucos produtos industrializados; o consumo maior é "in natura". No entanto, a isenção benefiaciará algumas empresas estrangeiras como a Nestlé, a Anderson Clayton, a Swift, a Wilson, etc. - o que não é mera coincidência.

E a Inflação Perdura

Inflação significa aumento de preços. Hoje é uma enfermidade disseminada em todo o mundo capitalista. Tornou-se crônica. No Brasil é mais antiga e tem causas e características bem específicas, típicas de país atrasado e dependente. Há quem considere que o déficit do orçamento governamental é a causa da inflação. Gastando mais do que arrecada, o governo é obrigado a emitir papel-moeda. Havendo mais dinheiro em circulação e permanecendo o mesmo o volume de bens produzidos pela nação, para cuja compra esse dinheiro se destina, a cada mercadoria passa a corresponder uma quantidade maior de papel-moeda. Assim, as mercadorias sobem de preço, parecem valer mais. Na verdade, é o dinheiro que se desvaloriza.

Essas explicações são parcialmente verdadeiras. A emissão de papel-moeda gera inflação - é certo. Restaria explicar a causa do permanente déficit orçamentário no Brasil, que não está só na má gestão dos negócios públicos, no empreguismo governamental ou na necessidade de socorrer autarquias e empresas públicas que, por razões políticas, vendem seus serviços abaixo do custo, etc. Essas eram as principais causas apontadas pelos golpistas de 1964, que apresentaram todo um programa anti-inflacionário com base nesse diagnóstico e que incluía a diminuição do salário real dos trabalhadores (obtida com a concessão de aumentos salariais inferiores à taxa de inflação, o chamado "arrocho salarial") como meio de contrair a demanda, além do aumento de tarifas de serviços públicos, como as ferrovias, para torná-los rentábeis, eliminação de certos subsídios, etc.

No entanto, a inflação perdura desde então e retoma impulso, oito anos depois do início desse programa antiinflacionário cujos efeitos sobre o nível de vida da esmagadora maioria da população foram piores do que a própria inflação.

As Causas Profundas

Na verdade, a inflação, ou elevação de preços, ou aumento do custo de vida, tem causas muito mais gerais e profundas do que a simples emissão de papel-moeda em ritmo mais rápido do que o aumento da produção. É determinada por um conjunto de fatores interligados

de maneira complexa e funcionando muitas vezes como causa e efeito.

Mas, resumidamente, pode-se dizer, sem receio de errar, que a causa última da antiga e crônica inflação brasileira está no tipo de desenvolvimento capitalista em curso no país e que vem tomando forma principalmente após a II Guerra Mundial. Quem quizer mudar o Brasil precisa estudar atentamente as peculiaridades e as consequências desse desenvolvimento em todos os terrenos. Não se pode dizer que esse estudo esteja pronto e acabado. Mas é perfeitamente possível identificar suas duas características mais decisivas. Em primeiro lugar, é um desenvolvimento capitalista que se processa em convivência com o latifúndio e até com a sua consolidação e ampliação. Em segundo lugar, é um desenvolvimento capitalista dependente, isto é, o capital estrangeiro passou a nele desempenhar o papel principal, o que acarreta uma série de deformações, entre as quais o seu caráter precocemente monopolistico. As consequências sociais e políticas desse tipo peculiar de desenvolvimento capitalista são inúmeras, ou seja, ele influi sobre a estrutura, a consciência e a conduta de todas as classes da sociedade brasileira. Ao contrário do que alguns pensam, essas consequências são, no geral, favoráveis à revolução brasileira. O simples fato de que o imperialismo e as classe dominantes não tenham conseguido levá-lo adiante sob a égide da Constituição semiliberal de 1946, como no período Kubitschek, e tenham precisado se socorrer da ditadura militar-fascista, é indício disto.

A atual ditadura está totalmente comprometida com esse tipo de desenvolvimento que tantos sofrimentos impõe ao povo e que traz ao Brasil tantas humilhações.Entre as suas mazelas está a inflação. E na medida em que toda a política econômica do governo se destina a favorecer precisamente esse desenvolvimento,ela é inflacionária.As únicas medidas ditas anti-inflacionárias que o governo aplica como anabalável rigor são aquelas que rasgam na carne do povo, principalmente da população trabalhadora: diminuição do salário real,eliminação de subsídios que barateiam bens e serviços de consumo popular, etc.

Mas as peças-chaves dessa política são inflacionárias. Por isto, apesar de toda a parolagem oficial contra a inflação, os preços continuam aumentando, agora de novo em ritmo crescente, sob o regime dos generais. E isto independe da vontade deles. Quem anda na chuva tem que se molhar. Já que patrocinam esse tipo de desenvolvimento dependente, devem, por coerência, estar dispostos a arcar com o seu corolário inevitável, a inflação. Estimulá-lo e, ao mesmo tempo, estabilizar a moeda são metas incompatíveis.

As manifestações de preocupação por parte dos homens do governo com o aumento do custo de vida são, portanto, hipócritas. Não diremos insinceras porque, na verdade, duas questões relacionadas com a inflação devem realmente lhes tirar o sono. Uma é a opinião do FMI, que abre e fecha a torneira do crédito externo, sem o qual o governo não sobrevive um mês. O FMI reclama uma certa estabilidade monetária porque ela é necessária às empresas e governos estrangeiros que investem no Brasil ou lhe emprestam dinheiro. Para satisfazer o FMI o governo conta certamente com os amargos remédios antiinflacionários que cabe apenas à massa assalariada beber. Outra preocupação, gerada pelo aumento dos preços, é a revolta popular. Para essa o governo só vê duas soluções: um pouco de demagogia, como a do discurso de Médici; e muita repressão. Que é, aliás, fator de inflação porque determina aumento das despezas governamentais...

Exportar é Inflacionário

Delfim Neto vive dizendo, obsessivamente, que a salvação do país e a alavanca principal do seu desenvolvimento está no aumento das exportações. É fácil entender o motivo dessa preocupação quase neurótica do obesa Ministro da Fazenda. Aumentar as exportações é vital para o sistema.

As vendas do Brasil no exterior trazem dólares para o governo. Essas divisas são indispensáveis para o pagamento dos juros e amortizações da dívida externa que já atingiu proporções astronômicas. Realizando esses pagamentos o governo obtém mais créditos para prosseguir nesse círculo vicioso do endividamento externo que colocará o Brasil na contingência de mendigar empréstimos externos na ordem de 5 bilhões de dólares, em 1976, só para cobrir o déficit das transações correntes com o exterior e as amortizações da dívida externa (revista "Visão" de 13/2/72, p. 43 e seguintes). Para se ter uma idéia do significado dessa cifra basta dizer que ela representa quase o total da dívida externa até agora acumulada. E, no entanto, o crescente endividamento externo é uma das principais fontes com que o governo vem financioando o seu falso "milagre econômico".

As divisas geradas com o aumento das exportações são indispensáveis também paraa

do valor produzido pelo trabalho dos brasileiros.

As divisas são necessárias também para pagar as crescentes importações necessárias a esse tipo de desenvolvimento. Porque, embora os economistas burgueses das mais diversas correntes sejam unânimes em dizer que o desenvolvimento industrial brasileiro, desde a crise de 1929, se baseia na <u>substituição de importações</u>, o fato paradoxal é que esse mesmo desenvolvimento vem gerando necessidades crescentes de importação. É que o capital estrangeiro se tornou o seu principal mentor. E o imperialismo não tem a menor preocupação nem interesse em tornar o Brasil auto-suficiente.

Finalmente, além de outras serventias, a exportação serve para fornecer as moedas estrangeiras que os poucos brasileiros ricos gastam no exterior, em suas repetidas viagens de turismo, que hoje são o principal acontecimento mundano a enfeitar os brasões de latão da oligarquia cada vez mais enriquecida.

Compreende-se, assim, porque o aumento das exportações é tão importante para o governo. Não vamos aqui tratar da inviabilidade da meta de aumentá-las à taxa de 15% ao ano, como quer Delfim. No ano passado o aumento foi de apenas 5%; o déficit da balança comercial (saldo entre mercadorias importadas e exportadas) foi de 325 milhões de dólares, o maior da nossa história ("Visão", nº cit.; "Estado de São Paulo" de 19/4/72), e se deveu principalmente à queda dos preços agrícolas no mercado internacional.

O que importa aqui é destacar que o aumento das exportações é fator de inflação. Se o governo, através delas, recebe divisas, os exportadores são pagos pelo governo em cruzeiros. É mais dinheiro posto em circulação em troca de uma produção física que não é consumida no mercado interno, uma vez que vai para o exterior. Se as mercadorias importadas equivalessem às exportadas, o efeito inflacionário do dinheiro pago aos exportadores tenderia a se anular. Mas não é isso que o governo busca afanosamente. O que ele quer é que as exportações superem as importações, para que sobrem divisas para as outras despesas (embora nem sempre o consiga, como ocorreu no ano passado).

Mas as coisas não se limitam a isso. Para estimular as exportações o governo criou o chamado "câmbio flexível" que nada tem de flexível, pois só entorta para um lado, isto é, para o lado do cruzeiro. Esse eufemismo significa desvalorização constante do cruzeiro em relação ao dólar. O Brasil é o único país em que o combalido dólar está em permanente valorização. É que isto, além de outros efeitos favoráveis aos interesses dominantes, barateia as mercadorias brasileiras no exterior, tornando-as mais vendáveis. Com o dólar a 2 cruzeiros, por exemplo, uma mercadoria no valor de 100 cruzeiros seria vendida por 50 dólares no exterior; com o dólar a 5 cruzeiros essa mesma mercadoria vale 20 dólares. Ao mesmo tempo, por cada dólar vendido os exportadores recebem mais cruzeiros, o que acontece com aquelas mercadorias que tem o preço em dólar pré-fixado, como o café. Mas essa manipulação tem seu reverso; encarece, para os brasileiros, tudo que é importado. Por exemplo, cada vez que o cruzeiro é desvalorizado, a gazolina, que é refinada de petróleo ainda em grande parte importado, aumenta de preços. Num país onde o transporte é predominantemente rodoviário (para alegria das fábricas estrangeiras de autoveículos, dos fornecedores estrangeiros de máquinas rodoviárias e dos empreiteiros de estradas de rodagem), o aumento do preço da gazolina - para citar um só exemplo - repercute no preço de todas as mercadorias, inclusive, e principalmente, no preço dos alimentos, rpoduzidos no interior e transportados para as cidades. Assim, o chamado "câmbio flexível" é fator de inflação.

Mas ainda não é tudo. Para atingir o objetivo de aumentar a receita de exportações o governo tentou diversificá-las. Criou estímulos - vantagens fiscais, creditícias e outras - para a exportação de manufaturados. É claro que com isto procura obter outros resultados paralelos. Favorece, por exemplo, as empresas estrangeiras que exportam manufaturados ou componentes para outros países, principalmente da América Latina, dentro de uma política de divisão de trabalho entre as subsidiárias, programada pela matriz. Dá algumas oportunidades de aumento de vendas para certos setores da burguesia nacional, comprimida em áreas cada vez mais reduzidas de um mercado interno de poder aquisitivo declinante (principalmente para os produtos tradicionais da indústria nacional, como tecidos, calçados, vestuário, etc) e acossada pela invasão do capital estrangeiro. Mas acontece que esses estímulos para a exportação constituem verdadeiros subsídios governamentais. Alguns produtos exportados chegam a ser vendidos no exterior por preços abaixo do custo. Ora, alguém paga isso. Esses subsídios representam uma sangria na caixa do governo e resultam, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra, na necessidade de compensar a sangria com emissão de papel-moeda.

(Segue)

Vemos, assim, que o incremento das exportações, questão de vida ou de morte para o governo, peça-chave da sua política econômica, é, por vários motivos, gerador de inflação.

O Latifúndio é Inflacionário

Logo depois de 1964, no governo Castelo Branco, os golpistas, sob o medo das "tensões sociais no campo", ou seja, de revolta dos camponeses sem terra, aprovaram uma lei de reforma agrária. Mas ficou tudo no papel.

O governo dos generais nunca fará uma verdadeira reforma agrária porque os latifundiários constituem uma das suas bases sociais internas. Desempenharam papel importante no golpe de 1964. E não é por acaso que muitos dos generais mais em evidência são latifundiários, a começar pelo próprio Médici, fazendeiro de Bagé.

Na verdade, a ditadura militar vem consolidando o latifúndio. Criou o conceito de empresa rural, no qual a maioria das grandes fazendas pode ser incluída, e que não á abrangida pela lei de reforma agrária que aprovou e não aplica. Estimula a instalação de grandes propriedades no Mato Grosso, no Amazonas e no Pará, através de incentivos fiscais da SUDAM. O caráter "progressista", "capitalista", dessas "empresas rurais" pode ser avaliado pelo emprego generalizado do trabalho semiescravo que nelas se verifica, conforme denúncias quase diárias na imprensa.

Ora, os latifundiários são, sabidamente, uma das causas do alto preço dos alimentos no Brasil. Muitos deles, desde os tempos coloniais, só se dedicam à produção de produtos primários para exportação. Essa destinação, aliás coincide com a política governamental de incrementar as exportações.

Por outro lado, parte dos latifúndios é improdutiva ou suas terras são subaproveitadas. Quem tem terra demais não tem interesse em explorá-la de maneira intensiva.

A miséria dos camponeses sem terra é a causa principal do êxodo rural, que se acelerou nos últimos anos. No campo, mesmo sem terra ou possuindo pouca terra, o camponês consegue plantar alguma coisa para o sustento próprio e da família. Emigrando para a cidade, transformado num marginalizado urbano, continuará consumindo alimentos, por pouco que seja, sem mais produzí-los. É impossível plantar um pé de milho no asfalto. O crescimento desproporcional das cidades no Brasil, ao ponto de metade da população brasileira já ser urbana, implica no aumento da demanda de alimentos.

Assim, a manutenção e consolidação do sistema latifundiário, os estímulos para que se volte cada vez mais paraa exportação, contribuem simultaneamente para retrair a oferta e ampliar a demanda de alimentos, isto é, contribui para o aumento dos seus preços. Isso sem mencionar o encarecimento que resulta do pagamento da renda da terra pelos produtores diretos, como é o caso da burguesia rural do Rio Grande do Sul, que planta trigo e arroz, e que, não possuindo geralmente terra própria, paga um elevado arrendamento pelo uso da terra dos fazendeiros, com forte reflexo no custo do produto.

O Crescimento dos Gastos do Governo

Uma das bandeiras dos golpistas de 1964 era a luta contra a intervenção do Estado na economia, o chamado "estatismo", contrário aos "saudáveis" princípios da chamada - e, desde o surgimento dos monopólios, inexistente - "livre iniciativa". A história do estatismo no Brasil é antiga. Algumas das iniciativas do prprio Mauá tiveram forte cobertura do governo imperial. Mas o estatismo começou a se institucionalizar na República Velha, quando o governo de São Paulo inicialmente e, depois, o governo federal - ambos expressões da oligarquia cafeicultora - passaram a tomar medidas em defesa do café em crise. Daí surgiu o Instituto Nacional do Café, como posteriormente surgiram o Instituto Riograndense de Carne, o Instituto Riograndense do Arroz, etc. Os vários setores das classes dominantes - os mesmos que vivem proclamando as virtudes da "livre iniciativa" e estigmatizando o estatismo - sempre reclamaram a intervenção do Estado quando se tratava de proteger seus ganhos, naturalmente apresentados como expressão dos interesses da Nação.

Posteriormente, durante o período de Vargas, a intervenção estatal na economia representou, em alguns casos, investidas da burguesia nacional-reformista no sentido de preservar da penetração imperialista, certas áreas vitais da economia. Foi o caso da criação da usina de Volta Redonda, entre outros, e da Petrobrás, essa resultado principalmente de uma grande campanha popular.

Era contra esse último tipo de estatismo que os golpistas de 1964 se voltavam. E, realmente, uma vez no poder, privatizaram empresas estatais como a Fábrica Nacional de Motores.

No entanto, pode-se dizer que nunca foi tão grande a intervenção estatal na economia como depois de 1964. Só que agora essa intervenção serve sem rebuços aos interesses dominantes, principalmente ao imperialismo americano. Assim, a Petrobrás associou-se ao trus

(Segue)

te americano Dupont de Nemours na implantação da petroquímica na Bahia.A Cia.Vale do Rio Doce associou-se à United States Steel Corporation,através da sua subsidiária Cia.Meridional de Mineração,na exploração das jazidas de minério de ferro da Serra dos Carajás,no Pará.

A intervenção do Estado manifesta-se também no crescimento brutal da carga fiscal, isto é, dos impostos e outros tributos; na manipulação de favorecimentos de todo tipo em benefício dos interesses dominantes; na criação de novos incentivos e estímulos oficiais que, bem examinados, tem o mesmo sentido. Até medidas cuja principal finalidade aparente é a demagogia social para anestesiar e enganar os trabalhadores, acabam servindo diretamente a esses interesses. Veja-se o caso do Plano de Integração Social, cujas contribuições, administradas pela Caixa Econômica Federal, serão agora utilizadas na compra de quotas dos fundos de investimentos, entre os quais pontifica o capital estrangeiro, para salvar esses pobres e abnegados especuladores (que transformaram a Bolsa numa monumental arapuca) das dificuldades que estão enfrentando com a vertiginosa queda das ações.

A intervenção estatal na economia é, em muitos casos, fator de aumento dos seus encargos e, portanto, de aumento de emissões e de inflação.

É claro que a ampliação e o aperfeiçoamento do aparelho de repressão, a concessão de vantagens e privilégios às forças armadas e policiais para garantir sua fidelidade ao regime que se instalou em 1964, pressionam fortemente as despezas públicas e aumentam também os déficits dos orçamentos federal e estaduais.

É inútil o governo tentar escapar da necessidade de emitir papel-moeda areavés do aumento sem precedentes da dívida pública, por meio da venda de títulos do governo com as ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). Esses títulos têm data de vencimento ; mais dia menos dia, seus compradores virão ao guichê do Tesouro resgatá-los e o governo terá que devolver o dinheiro que tomou emprestado, mais juros e correção monetária. Aliás, a correção monetária, que os economistas do governo têm o descaramento de apresentar como uma "genial invenção" brasileira, parida dos cérebros dos Roberto Campos & Cia., para contrabalançar os efeitos da inflação, nada mais é do que uma modalidade de convivência pacífica com a inflação, na verdade uma capitulação diante dela e fonte que a realimenta, uma vez que inflaciona todos os valores monetários. Mas ela também é essencial ao governo. Sem ela, por exemplo, ninguém compraria seus títulos.

Crédito Inflacionário

O governo abriu as portas do crédito para estimular o consumo, principalmente dos chamados bens duráveis, como automéveis e geladeiras, cuja produção está quase toda nas mãos de empresas estrangeiras. Hoje há financiamento de 36 meses para aquisição de carros que, alguns anos atrás, eram só vendidos à vista. É assim, comprometendo a renda futura de parcela da população e desperdiçando parte da renda nacional num bem supérfluo, verdadeiro luxo num país onde a maioria da população não tem dinheiro para comprar sapatos, que o governo estimula a "espetacular explosão" da indústria automobilística,a todo momento apresentada como prova da elevação do nível de vida, e do "extraordinário desenvolvimento" brasileiro. O Crédito Direto ao Consumidor é fornecido por financeiras que captam dinheiro do público vendendo letras de câmbio sujeitas a juros e correção monetária.

Como outro fator de inflação, se poderia mencionar o caráter cada vez mais monopolístico da economia brasileira. Ele se manifesta na presença crescente dos monopólios estrangeiros, mas não só aí. O governo está agora estimulando a formação de conglomerados(eufemismo para evitar o emprego das palavras monopólios ou trustes, mal vistas, com toda a razão, pela opinião pública) em todos os setores. No setor bancário, já se fundiram o Bradesco e a União de Bancos, este último de Walter Moreira Salles, conhecido testa-de-ferro de Rockfeller. Sem falar no que representa a formação dos conglomerados para acelerar a liquidação das pequenas e médias empresas da burguesia nacional, um dos efeitos dessa concentração de capital incentivada pelo governo, espécie de malthusianismo econômico artificialmente provocado e verdadeira aberração num país de capitalismo subdesenvolvido - será a imposição do <u>preço de monopólio</u>, isto é, um preço não sujeito à concorrência e à lei da oferta e da procura. O preço de monopólio é alto, para assegurar ao monopolista o lucro máximo. Os conglomerados,portanto,contribuem também para o aumento de preços.

* * *

O desenvolvimento em curso no Brasil é particularmente penoso para as massas trabalhadoras da cidade e do campo. Uma de suas consequências é o subemprego permanente de grande parte da popula ção que vegeta em condições inumanas. Ele às últimas consequências a velha denúncia dos primeiros socialistas: os pobres ficam cada vez mais pobres e um punhado

(Segue)

SALÁRIO DE FOME

Como parte das medidas demagógicas ultimamente adotadas, o governo de Garrastazu decretou os novos níveis de salário-mínimo. Nos grandes centros industriais esse mínimo é de Cr$268,80 mensais e em alguns Estados do Norte e Nordeste não passa de Cr$ 182,40. É um salário de fome, cada dia mais em desproporção com o custo de vida e as necessidades do trabalhador.

Desde a implantação da ditadura, os salários vêm-se deteriorando. Segundo dados oficiosos, em dezembro de 1965 um operário para adquirir produtos destinados à sua alimentação tinha que trabalhar 87 horas e 20 minutos, tendo em conta a relação entre o salário que percebia e o preço das mercadorias. Em dezembro de 1971, para comprar os mesmos produtos precisava trabalhar 113 horas e 26 minutos. Nos quatro primeiros meses deste ano esta proporção elevou-se devido ao aumento da carestia de vida. Levando-se em conta o nível dos preços atuais, o mínimo para atender às necessidades vitais do trabalhador e sua família teria que ser de, aproximadamente, 800 cruzeiros mensais. Assim, o trabalhador está percebendo um terço do que tem direito. É, portanto, brutalmente espoliado na venda de sua força de trabalho, o que resulta em maiores lucros para os capitalistas.

O aumento decretado pela ditadura nada representa para o trabalhador. É um acréscimo tão insignificante que não altera, nem mesmo por alguns dias, a situação de miséria das massas. Serve, unicamente, para comprovar que impera no país um regime antioperário, a serviço dos exploradores nacionais e estrangeiros.

A classe operária manifestou imediatamente seu repúdio ao decreto governamental. Nas manifestações oficiais de 1º de Maio realizadas este ano em Belo Horizonte, com a presença do Ministro do Trabalho, foi significativa a completa ausência de trabalhadores, fato reconhecido por toda a imprensa. O repúdio, porém, precisa se transformar em luta aberta. O proletariado para defender seus direitos tem que recorrer à velha e provada arma da greve para exigir melhores condições de vida.

A Inflação dos Generais (Conclusão)

dericos fica cada vez mais rico. A aliança das classes dominantes com o imperialismo, com este funcionando como sócio maior, leva à alienação humilhante da soberania nacional. Esse tipo de desenvolvimento traz a ruína a certas áreas da economia, onde uma cumulação capitalista interna do tipo clássico, já se realizara, nas mãos da burguesia nacional. É o caso da indústria têxtil, que já na década de 30 estava em condições de atender todo o mercado interno. Essas áreas hoje regridem e se pode dizer que, nesse sentido, esse tipo de desenvolvimento implica num des-desenvolvimento.

Alguns economistas reformistas recusam-se a chamar processos como o que ocorre no Brasil de desenvolvimento econômico; chamam-no de crescimento, porque consideram que desenvolvimento implica em progresso social, melhor distribuição da renda, etc. Há uma forte dose de ilusão nesses economistas, que, de resto, estão ideologicamente ligados ao conceito de um capitalismo "justo", "progressista", "regulado".

Mesmo como crescimento, o que ocorre no Brasil é muito limitado. Ao contrário do que dizem os propagandistas do governo, o Brasil está muito longe dos países medianamente industrializados. A Espanha, um dos países mais atrasados da Europa, tem regiões como a Catalunha ou o País Basco, que são mais industrializadas do que qualquer região do Brasil, inclusive São Paulo. A Argentina, guardadas as proporções, é mais industrializada do que o Brasil.

Trata-se de um crescimento limitado e deformado. O papel do governo ao promovê-lo consiste, em grande parte, numa administração de deficiências; para tapar buracos, o governo abre outros. A inflação é um dos buracos que ficam permanentemente abertos.

Incorporar... (Conclusão) - tipo, não gozam de nenhum direito. O interior está abandonado e seu atraso é secular. Existe, assim, no campo imenso potencial revolucionário. Os camponeses estão profundamente interessados na derrubada do atual regime e na instauração de um governo realmente popular capaz de realizar profunda reforma agrária e de acabar com a difícil situação em que vivem".

(Do Documento "CINQUENTA ANOS DE LUTAS")

CAMPONESES LUTAM POR SEUS DIREITOS

O campo, onde impera o latifúndio, impondo as mais difíceis condições de vida a milhões de camponeses sem terra ou com pouca terra, é cenário de intensas lutas. Esbulhadas em seus direitos, reprimidas em suas reivindicações à posse da terra e espezinhadas em seus anseios a uma vida melhor, as massas camponesas têm-se mostrado uma força combativa de enorme importância.

Os exemplos de luta, principalmente dos posseiros, os desbravadores de extensas áreas do sertão, vêm-se tornando mais frequentes. Neste ano, por várias vezes, defenderam com armas rudimentares a posse da terra que desmataram, plantaram e cultivaram.

A Reserva Florestal da Lagoa São Paulo, em Presidente Epitácio, no Estado de S. Paulo, é, desde há muito, conhecido palco de lutas. Ali vivem quatrocentas famílias de posseiros que vêm sofrendo as maiores arbitrariedades por part do bando de " Zé Dico ", morto pelos lavradores e, atualmente, dirigido por seu filho mais velho, conhecido por " Zé Branco". Em janeiro deste ano, as terras desses posseiros voltaram a ser invadidas. A princípio, vieram os bois de " Zé Branco", que sendo enxotados e alguns mortos, deram o motivo esperado pelo fazendeiro para enviar seus jagunços e soldados das delegacias vizinhas para reprimir os camponeses. A situação da Reserva é de revolta e os lavradores se defendem novamente, como o fizeram contra "Zé Dico".

Com financiamento do BNDE, o proprietário da fazenda Rimacia, no oeste do Paraná tenta apossar-se de grandes extensões de terras. Tem idéias bem definidas, como expôs a jornalistas: "É a favor de grandes propriedades, controladas por um pequeno número de fazendeiros" ("O Estado de São Paulo", 28/1/72). Por isso pôs mãos à obra na execução de seu plano. Contratou grande número de jagunços que, chefiados por Ulisses Bueno, ex-cabo da Polícia Militar e contrabandista em Foz de Iguaçú, começaram a queimar choças e destruir lavouras dos camponeses. Os posseiros reagiram. Mataram alguns jagunços e feriram o seu chefe. Inferiores em armamentos, embrenharam-se no mato e continuam hostilizando os invasores de suas terras. Segundo expressão do correspondente de "O Estado de São Paulo" em Londrina, os posseiros "embora não tenham armas tão boas quanto as dos jagunços, levam a vantagem de conhecer todas as trilhas da mata".

Posseiros de São Domingos do Capim, no Pará, continuam resistindo à expulsão de suas terras. No mês de março último, pressionados por Pedro Alves dos Santos, que apontam como chefe dos grileiros, apelaram ao governo estadual e afirmaram que, se não forem atendidos, resistirão com suas armas. E sua decisão deve ser levada a sério, pois, em outubro do ano passado, mataram vários invasores.

Persistem também os conflitos na região de São Felix do Araguaia, em Mato Grosso. Apesar de perseguidos e reprimidos selvagemente pelos jagunços e soldados da região, que estão armados de fuzis e metralhadoras, os camponeses continuam em suas terras, dispostos a resistir. O que se passa nessa área é a demonstração clara de todo o cinismo dos governantes. Nem as denúncias públicas do bispo da Prelazia de São Feliz do Araguaia e de seu secretário conseguiram demover as autoridades em dar mão forte à Cia. Codeara que procura a todo custi expulsar os lavradores da região.

Assim, os camponeses, fartos das promessas dos generais, vão percebendo que a posse da terra que trabalham eles só a terão lutando. E não adianta a ditadura apregoar que " tudo vai bem", porque quem sofre as consequências pensa diferente e se dispõe a combater.

INCORPORAR OS CAMPONESES À REVOLUÇÃO

"É perfeitamente viável incorporar o campo à revolução. Os camponeses, que constituem grande parte da população brasileira, desejam a liquidação do latifúndio. O monopólio da terra se estende a vastas áreas do território nacional, ao passo que a esmagadora maioria dos que vivem no campo não possui terra, paga a meia e a terça ou trabalha em áreas devolutas nas regiões insalubres e bastante longinquas. No Nordeste, repete-se, frequentemente, o fenômeno da seca que flagela milhões de camponeses entregues à própria sorte. Levas e levas de trabalhadores, impelidos pela fome, abandonam seus lugares e emigram para as cidades onde não acham abrigo nem trabalho. Encontram-se no campo as massas mais

RESISTÊNCIA ARMADA À DITADURA

Tropas de Exército, da Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar do Pará realizaram vasta operação armada na região ao sul da cidade paraense de Marabá, ocupando trechos da Transamazônica e locais às margens do rio Araguaia. Nessa operação, iniciada nos primeiros dias de Abril, empregaram grande número de helicópteros, veículos anfíbios e soldados treinados em combates na selva.

A operação militar dirigiu-se contra antigos moradores da região, atacados brutalmente pelas Forças Armadas. Visou à população local e, em particular, os jovens que aí residem e trabalham há muitos anos. Nesta região impera a grilagem de terras e são frequentes as violências policiais contra os lavradores e suas famílias. Estes não gozam de nenhum direito, são explorados impiedosamente e vivem no mais completo abandono.

Sob o pretexto de caçar subversivos, as Forças Armadas investiram contra estas massas pobres. Implantaram o terror. Prenderam, espancaram e humilharam centenas de pessoas. Queimaram moradias, destruíram objetos de uso pessoal e de trabalho dos camponeses. Tomaram armas de caça, facas e facões dos lavradores. Obrigaram-nos a abandonar suas riças. Apossaram-se de roupas, calçados e remédios de moradores, dizendo tratar-se de depósitos clandestinos. Durante semanas ninguém podia passar pela Transamazônica sem sofrer revista e apresentar documentos. Várias pessoas foram detidas para investigação. Marabá e outras cidades continuam ocupadas militarmente.

Mas o ataque inopinado e covarde das forças militares não ficou sem resposta. Inúmeros moradores reagiram à violência da reação e trataram de se defender utilizando os meios de que dispunham. Não se deixaram apanhar. Acostumados à vida dura do interior, embrenharam-se nas matas dispostos a lutar pelos direitos do povo pobre e pela liberdade. Ergueram bem alto a bandeira da resistência armada aos crimes da ditadura. Têm a seu favor o terreno coberto pela selva, que lhes permite combater ao estilo guerrilheiro, e o apoio e a simpatia das grandes massas da região e cidades vizinhas.

Frustradas em seus intentos, as Forças Armadas publicaram uma nota procurando desinformar. Afirmaram que a opoeração era simples manobra de treinamento, no curso da qual haviam sido descobertos e desbaratados núcleos de contrabandistas e marginais. A afirmação é ridícula, pois ninguém se dispõe a fazer contrabando nas selvas e, muito menos, em regiões inacessíveis, como diz a nota. Os que reagiram não são marginais, mas lutadores da causa do povo, valentes e abnegados combatentes da liberdade. São patriotas que não se curvam à prepotência dos generais fascistas.

A ditadura tem medo de revelar que seu banditismo provocou a resistência armada e que suas tropas não puderam liquidar os que lhe resistem. Novas operações estão em curso na região. Os militares sabel que o povo brasileiro vive sob um regime fascista, privado dos direitos mais elementares. Temem que o exemplo da luta se propague e que a nação inteira se aperceba que o regime atual acabará levando o país à guerra civil.

A reação pode cometer todas as violências, assassinar os melhores filhos do povo. Mas não poderá impedir que se avolumem os protestos e as ações sempre mais decididas. Os acontecimentos do sul do Pará mostram que o nível das lutas vai-se elevando, em que pese a brutal repressão existente no país. A ditadura cerrou os caminhos da luta pacífica. Que outro recurso resta ao povo senão empunhar as armas e combater firmemente a tirania ?

Os que lutam de armas nas mãos merecem o mais amplo apoio das massas. As pessoas simples que reagiram ao ataque das Forças Armadas, em território paraense, assim como noutros lugares, interpretam o sentimento profundo dos brasileiros de ódio à ditadura e de amor à liberdade, ao progresso e à independência nacional.

Ouça Diariamente em Português:

Rádio Tirana: Emissões de uma hora de duração:
- Às 20:00 e 22:00h - Ondas Curtas de 31 e 42 m

Emissões de meia hora de duração:
- Às 4:00 e 18:30 h - Ondas Curtas de 31 e 49 m
- Às 7:00h - Ondas Curtas de 25 e 31 m

Rádio Pequim: Emissões de uma hora de duração:
- Às 19:00 h - Ondas Curtas de 25, 30, 41 e 48 m
- Às 21:00 h - Ondas Curtas de 19, 30 e 32 m